

OS CABELOS DELA

Bruno Sérulo MATOS¹

Recebido: 27/05/2019

Aprovado: 12/06/2019

A menina se orgulhava dos cabelos. Longos, negros e lisos. Quando soltos, passavam dos joelhos. Uma cabeleira pesada. A mãe lhe dissera certa que vez que os cabelos não poderiam ser cortados porque era promessa. “E promessa não pode ser quebrada. Deus castiga”.

Morávamos em uma das muitas ilhotas no estado do Pará, afastado quase que completamente da civilização e da modernidade. Naquele lugar, as lendas se confundiam com as histórias reais. Mas hoje me pergunto “o que é real, afinal?” Todos nós vivíamos ali sob o signo da inverdade, uma mentira bem contada: nos curávamos com ervas, alimentávamos com o que vinha do mato, acreditávamos no que nos diziam os mais velhos...até hoje preciso fazer o sinal da cruz antes de me banhar em um rio ou igarapé. Sim, os rios...Os rios eram nossas ruas, nossa travessia. A água faz parte da vida, na verdade, era a vida, pois era de onde se chegavam todas as coisas boas e ruins, como descobriria mais tarde. É a vida com seus altos e baixos, como a subida e descida da nascente.

Até hoje, não sei o nome daquela menina de cabelos longos, nunca perguntei. Apenas sei que era filha de Dona Jurema e que a menina fora flechada por uma mãe-d’água, por isso não podia cortar os cabelos. Uma maldição (seria essa a palavra?) que a acompanharia por muitos anos. Por quanto tempo um cabelo cresce? Acho que por toda a vida. Se não tivesse acontecido aquela fatalidade, que dimensão estaria os cabelos daquela menina? Era bonito de se ver. Sempre que passava em frente a sua casa, via Dona Jurema sentada em um banquinho penteando aqueles longos fios, como um pescador que tece com cuidado sua tarrafa.

Os recursos nem sempre eram suficientes e pelo menos uma ou duas vezes por mês, íamos à cidade mais próxima comprar ou trocar o que cultivávamos, pescávamos e caçávamos por: sal, óleo, um perfume barato, putas...aquilo a que não tínhamos acesso e que para nós era importante para a *subvivência, subexistência*. Os transportes eram as canoas a motor. Um percurso sempre perigoso. As águas, dependendo da lua, podiam ser mansas ou revoltosas. O rio é um bicho indomável e misterioso. Via-se todo tipo de coisa: peixes enormes que não se encontram nos livros de ciências, olhos na escuridão das matas abeiradas pelo rio...quando a viagem era noturna (e geralmente era) se tornava ainda mais difícil. O rio é traiçoeiro e vil quando ele precisa ser, como se estivesse se protegendo ou simplesmente revidando. Era preciso experiência para navegar naquelas águas escuras.

¹ Doutorando de artes (UFPA), professor de Língua Portuguesa e Literatura (IFAP) e escritor. MATOS, Bruno Sérulo. Os cabelos dela. In: *Revista Falas Breves*, no.7, setembro de 2019, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



Um dia meu pai disse que iria à cidade conversar com alguns parentes. Estava na hora de “eu achar um rumo”. Meu pai sempre disse que um dia eu seria *doutô* e para isso precisava sair daquele lugar. Não sabia exatamente o que me esperava na tal escola e como minha vida seria na casa daqueles parentes distantes que só ouvia falar, mas nunca tinha visto.

No dia em que meu pai saiu, vi minha mãe aflita. Não sei se por medo ou outra coisa, mas sei que seu coração estava agitado, agoniado demais. Ele não se despediu. Subiu naquele pequeno barco, sem nem olhar para trás. Disse que voltaria logo, em dois ou três dias depois de acertar tudo. As semanas passaram e acho que até meses (agora não tenho certeza). Não sei se meu pai morreu, sumiu no mundo ou simplesmente desistiu de alguma coisa que hoje ainda não compreendo. Enquanto isso, eu continuava vivendo e minha mãe apenas sobrevivia. Tinha o olhar distante, perdido no rio. Não era incomum encontrá-la na beira do rio a *ver navios*, esperançosa que um dia meu pai retornasse. Mesmo sabendo que ele jamais retornaria, a coitada se agarrava a sentimentos que apenas a alma consegue entender.

Em um dia, quando menos esperávamos, seu Apariço bateu em nossa porta. Trazia um recado dos parentes: que eu devia embarcar no dia seguinte para a capital. Aceitariam me receber. Naquele instante, tanto o coração de mamãe quanto o meu bateram em sintonia, ritmados e acelerados. De sua boca saiu a pergunta mais desejosa: falou com meu marido? Foi ele que mandou o recado? De Seu Apariço veio a resposta mais dolorosa: o silêncio.

Não sei explicar exatamente como as vidas se encontram, como as coisas ocorrem em consonância e dissonâncias. Dois rios se encontram e como se explica isso? Nós éramos dois rios diferentes que não se misturavam. Um quente, o outro frio; um negro, o outro barrento; um homem, o outro mulher; um de cabelos longos e o outro, curto. O(s) motivo(s) que a fizeram entrar naquela canoa, eu desconheço. A menina de cabelos longos estava comigo, bem próxima de mim. No mesmo barco, no mesmo assento. Dois seres diferentes, juntos. Dois rios que não se misturam.

Os estrangeiros sempre imaginam a Amazônia como uma terra de mistérios e realmente é. Aqui, via-se de tudo, muitas vezes aguçadas pelo imaginário, o que fazia do meu lugar ainda mais rico. Esses mistérios, esses encantos são o que fazem do meu lugar o que ele é: indecifrável, porém, igualmente fascinante. Muitos me perguntavam o que existia por aqui, quais “monstros” a Amazônia escondia? Frustrados eles ficavam quando sempre respondia que “nunca vi nada de irreal”. Sempre achei nossos demônios internos mais perigosos e assustadores. No entanto, naquele dia, dentro da pequena embarcação, pude ver um monstro mais destrutivo que já vira em toda a minha vida.

Já estávamos andando/navegando pelas ruas-rios há um bom tempo. Aproximávamos da baía do Guajará e a cidade se apresentava onipotente, com seus prédios e sua multidão de gente. E foi aí

que aconteceu. Foi no instante, quase poético, quando os olhos da menina vislumbravam, contemplavam com admiração e medo aquela paisagem, que o monstro a atacou. Foi tão rápido quanto um piscar de olhos. Ela se virou para olhar o horizonte de pedra e um ou dois fios pequenos e aparentemente frágeis, tocaram levemente o eixo do motor. O que se viu depois está marcado em minha memória mais aterrorizante. Até hoje sonho com a cena repetidas e repetidas vezes: o monstro a puxou com uma força descomunal, agarrou seus cabelos e arrancou-os com uma facilidade sem igual. Ela girou. Continuou girando. Sou corpo pequeno e dócil se debatia sobre o banco e sobre mim, para meu desespero. Quando por fim, a máquina destrutiva parou. A menina estava desacordada. O eixo do motor estava coberto por aqueles cabelos sedosos, negros e longos. Ainda pude ver alguns fios que se perdiam na imensidão do rio, boiando sobre a superfície da água. Aquela água, antes agitada, ficara mansa, serena. Quando tive coragem, olhei para a escalpelada menina. Seu rosto parecia ter saído do lugar. Estava repuxado. O couro cabeludo rasgara quase que completamente. E uma orelha jazia sobre meu pé. Essa imagem não me sai da cabeça.

Cheguei à cidade, cheguei à casa dos meus tios, aqueles que me acolheriam por anos até me tornar o homem que hoje sou. Depois de anos, retornei à minha antiga ilha, para ver minha mãe, saber como estava. Fiz isso por toda a minha vida, até o dia em que ela partiu, segurando a foto de meu pai. Ela, na verdade, nunca abandonou a esperança, nunca desistiu de um dia encontrar com o homem de sua vida. Mesmo não sabendo os reais motivos de sua partida, minha mãe sabia, intimamente ela sabia. E esperou. Uma espera sem fim para um retorno que nunca aconteceu.

Na última visita que fiz à minha mãe, passei, como de costume, em frente à casa de Dona Jurema e lá estava ela. Penteados os cabelos falsos e sem vida de sua filha escalpelada. Aquelos cabelos artificiais eram uma lembrança do que um dia foram os lindos cabelos da menina. Parei para olhar a cena e tentar gravar outra imagem acima daquela que me marcara durante anos, porém, não consegui. O olhar da criança, antes com vida, estava vazio, sombrio, morto...dos olhos da mãe brotavam uma triste gota de lágrima, tão saudosa quanto as minhas lembranças. Já não me lembro de meu pai. Sua imagem, sua figura, sua presença sumiram. Mas ainda tenho guardado a beleza dos cabelos dela...